HEGEL - A Experiência da Consciência na Formação de Professores de Geografia

Emerson Ribeiro[1]

RESUMO

Este artigo discorre sobre o processo do conhecimento na consciência, e como esse conhecimento da certeza sensível é percorrido pela consciência em busca do saber absoluto, na obra Fenomenologia do Espírito de Hegel um dos mais importantes filósofos do século XVIII. Para a formação de professores de Geografia procura-se compreender de que forma a arte e os processos criativos, no desenvolvimento dos conteúdos geográficos por meio da experiência da consciência contribui para sua formação. Saber como se dá o processo de conhecimento e como esse conhecimento é construído. Sendo esses processos elevados ao nível de associação, visando o ensino e aprendizagem para se compreender de que forma esses conhecimentos se apresentam como construção do ato de pensar para a formação do pensamento, e como os processos criativos a partir da experiência da consciência pode corroborar nesse contexto, encontrando no caminho da consciência em si para a consciência para si, como ato de conhecimento para a formação de professores em Geografia alinhado ao processo histórico de desenvolvimento da autoconsciência da humanidade.

Palavras-chave: Conhecimento; Hegel; Formação de Professores; Criatividade; Arte.

HEGEL: THE EXPERIENCE OF CONSCIOUSNESS IN THE TRAINING OF GEOGRAPHY TEACHERS

ABSTRACT

This article discusses the process of knowledge in consciousness, and how this knowledge of sensible certainty is traversed by consciousness in search of absolute knowledge, in the Phenomenology of Spirit by Hegel, one of the most important philosophers of the 18th century. For the formation of Geography teachers, we seek to understand how art and creative processes, in the development of geographic contents through the experience of consciousness, contribute to their formation. Know how the knowledge process takes place and how this knowledge is constructed. Since these processes are elevated to the level of association, aiming at teaching and learning to understand how this knowledge is presented as a construction of the act of thinking for the formation of thought, and how the creative processes from the experience of consciousness can corroborate in this context, finding the path from consciousness in itself to consciousness for itself, as an act of knowledge for the formation of teachers in Geography aligned with the historical process of development of humanity's self-awareness.

Keywords: Knowledge; Hegel; Teacher Training; Creativity; Art.

EXÓRDIO

O texto, em questão, discorre sobre o processo do conhecimento na consciência, para a formação de professores de Geografia tendo a arte e os processos criativos como elementos importantes para a formação da consciência.

[1] Professor Adjunto da Universidade Regional do Cariri e dos programas PMPEDU e do PPGG da UFPB, Coordenador do Laboratório Quatro Elementos e Bolsista CNPq no Exterior.

Levar o pensamento a pensar[2] de que forma o conhecimento se forma na mente (Geist), palavra em alemão que leva algumas abordagens de tradução sendo, espírito, mente, absoluto, consciência, que nesse texto abordou-se como consciência, a experiência da consciência.

O processo de conhecimento do sujeito para o objeto e, do objeto para o sujeito, em uma relação dialética, ou antes, mesmo de se conhecer o objeto, o que aparenta ser, a certeza sensível, aqui a ideia, o conhecimento do real do que em verdade é, no entanto, para se conhecer é um longo caminho até a consciência. "É o momento onde o objeto do saber está diante do próprio saber independentemente deste; é o que acontece na certeza sensível, na percepção do intelecto". (REDYSON, 2014.p 36)

Hegel (1974) na Fenomenologia do Espírito tratou desse passar, da certeza sensível, da percepção para chegar ao entendimento, ao conhecimento absoluto, a consciência. É desse caminho, dessa experiência que a consciência faz até o conhecimento que pretendemos expor nesse texto.

Aqui, enfatiza-se a importância de como se dá a passagem de uma consciência em si, a uma consciência para si. Em Hegel temos a seguinte descrição "A consciência de um outro, de um objeto em geral é ela própria, necessariamente, consciência de-si, ser-refletido em si, consciência de si mesmo no seu ser outro" (HEGEL, 1992, p.7) é quando a consciência se realiza em seus desejos, no mundo, ela se atém na realidade vivida e só pela ciência ela se realiza plenamente, ou seja, a reflexão sobre si mesma, em movimento dialético. E como isso acontece no processo do conhecimento, para que seja possível nos livrar da alienação diante de conceitos a serem apresentados para a formação de professores diante do processo de ensino e aprendizagem?

Saber como se dá o processo de conhecimento e como esse conhecimento é construído, pode auxiliar na formação de professores de Geografia, contudo, os processos criativos e seus passos para a formação estão alinhados para com o pensamento, a linguagem e a escrita; essa tríade é de uma importância para o conhecimento dos conceitos científicos e conceitos espontâneos, apresentados por Vygotsky (1991).

O objetivo para se compreender de que forma esses conhecimentos se apresentam como construção do ato de pensar, para a formação do pensamento, e como os processos criativos podem corroborar nesse contexto. Em que Ribot (1908) é um dos autores a descrever sobre a criatividade e Poincaré (1995) apresentou os quatros passos da criação, mesmo não tendo a intenção de escrevê-los, descreve-os ao longo de seus trabalhos.

[2] A frase se torna redundante, porém, utilizamos dessa linguagem no sentido metafórica, para indicar o caminho do pensar.

No Brasil, uma das referências quando se trata dos processos criativos, tem-se a autora do livro Criatividade e Processos de Criação de Fayga Ostrower (2010) em que a criatividade não se limita apenas a Arte, mas, sim, ao ser humano criativo.

Portanto, para a consciência e seu processo de conhecimento, para com a formação de professores de Geografia nos cursos de formação, é importante apontar que a ciência geográfica e o ensino de geografia, em consonância com a arte e a criatividade, são de suma importância para os processos de formação e desenvolvimento da consciência.

Sendo o pensamento, a linguagem e a escrita manifestações da consciência diante da história da humanidade em construção que segundo Hegel é dinâmica, interna e dialética, descrevendo, portanto, o em si e o para si no alcance do absoluto da consciência, como um ato importante de conhecimento elencamos também, para a Geografia, a arte como um dos elementos importantes para o processo de desenvolvimento da autoconsciência da humanidade (LUKÁCS, 1981) e Hegel vê na arte a apropriação do homem pela natureza transformando-a em arte humana (RIBEIRO, 2019, p. 166).

A Fenomenologia do Espírito de Hegel (1974) nos coloca inúmeros desafios, em especial, para um geógrafo. O tempo de maturação o qual já nos foram submetidos, todavia, nos mostra um caminho, e é por ele que se pretende caminhar, pois uma consciência só se torna consciente quando ela é ferida, marcada, assombrada.

A metodologia em questão foi à bibliográfica e se apresentou diante das obras mencionadas, o caminho que foi trilhado como parte da Fenomenologia do Espírito, encontrando as obras que trataram dos processos criativos e sua importância para o aprendizado, para o *conhecer*, em que o pensamento, a linguagem e a escrita, aqui no sentido da história da humanidade, e como as obras de Vygotsky (1991), entre outros, nos guie para os processos pedagógicos e de formação.

O método pautado na dialética Hegeliana, em que o processo dialético é o motor da história, em que o real é racional e o racional é o real, que para se chegar ao real, necessita-se dos processos de contradição e de mediações diante do sujeito e dos objetos, ou seja, ideia, mundo, “onde o espírito se realiza na autoconsciência de si e de sua racionalidade” (BITTENCOURT, 2022, p.6).

No entanto, atravessar a linha tênue que se passa pelo idealismo hegeliano e pelo materialismo histórico, o qual Hegel em suas obras se aproxima, abriu caminho para Marx apresentar o materialismo histórico e dialético.

Diante disso, iremos expor primeiramente nesse texto um breve apontamento de como a disciplina de Geografia surgiu na academia com Kant e depois passamos a fazer uma menção ao método

onde Hegel e Marx tem uma aproximação dentro do campo teórico, para atingirmos o cerne da teoria Hegeliana sobre a experiência da consciência, encontrando depois os processos criativos, como elementos importantes no campo da arte para procedimentos pedagógicos diante dos conteúdos espontâneos e científicos.

Como canoa na imensidão de uma lagoa

O prefácio da Fenomenologia do Espírito escrito por Hegel no ano de 1807 foi na verdade, um posfácio, presente nessa obra de 1974 qual nos apoiamos. Nessa obra, Hegel pretendia escrever o Sistema da Ciência e deveria prosseguir com a Ciência da Lógica (1812-1816) e que fora abandonado, entre outras obras realizadas como Enciclopédia das Ciências Filosóficas (1817). “O título Fenomenologia do Espírito, a partir da edição publicada por J. Schulze (1832) permaneceu após a sua morte em 1831 até os dias atuais, importante essa introdução para situarmos de qual obra iremos abordar e a sua tradução” (HEGEL, 1974, pg. 11).

Antes de discorrer sobre a consciência, a passagem da certeza sensível para o nível do entendimento, aqui da ciência. Se faz necessário salientar como a Geografia passou a ter o seu valor científico empregado a partir de conceitos desenvolvidos para a sociedade, enquanto disciplina que surgiu no século XIX na Universidade de Berlim.

Ressalta-se que há uma história de desenvolvimento da disciplina Geografia, iniciada com Kant, em Königsberg, atualmente Kaliningrado, kant foi precursor do caminho trilhado da Geografia como disciplina que se afirmava nas aulas proferidas pelo mesmo, o qual “foi o primeiro filósofo a introduzir a disciplina de Geografia na Universidade, antes mesmo que a primeira cátedra de Geografia fosse criada em 1820 por Carl Ritter em Berlim” (KUEHN, 2001, p. 84). (VITTE, 2008, p. 2).

Distante desse objeto, mas não menos importante essa análise sobre o espaço cosmológico e a geografia física de Kant e suas preposições para a construção da Geografia acadêmica, “ em que se constrói os conceitos de espaço, lugar e extensão a partir da matéria e do movimento” (RIBAS e VITTE, 2008, pg. 3) é importante para a compreensão do exercício do pensar sobre a Geografia e seu desenvolvimento enquanto ciência.

Hegel na Ciência da Lógica (1993) onde irá desencadear em seu pensamento sobre a natureza e o espírito do mundo, a doutrina do Ser, onde nasce a história. E de forma muito especulativa Hegel trata também da Geografia, mas de uma forma muito trivial sem aprofundamento, diante de seu tempo era as informações que tinha.

No texto “HEGEL E A GEOGRAFIA” Francois Chatelet[3] traz uma critica a esse pensador, que por um lado genial, mas para a Geografia o seu pensamento, nas palavras de Chatelet, ingênua e banal.

> O objetivo da breve análise que segue não e somente levar a conhecer a maneira como Hegel concebia a Terra, o que ele sabia dela e como ele o sabia. Trata-se também de mostrar de que maneira, no primeiro terço do século XIX um pensador unanimemente tido como genial, tanto por seus seguidores como por seus detratores, pode justapor sobre este "objeto" que e a geografia, ingenuidades e banalidades ao mesmo tempo em que intenções originais ou profundas. (CHATELET, 1976, p. 45).

Partindo dessa curta introdução sobre a ciência geográfica e sua caminhada acadêmica, a Geografia se desenvolve enfrentando como toda ciência o seu lugar no mundo, passando por discussões epistemológicas nas mais diversas correntes do pensamento, sendo usada como instrumento para guerras, como para soluções diante do planejamento urbano e de natureza geomorfológica, entre tantas outras premissas de análises que a Geografia faz diante da sociedade e o meio natural. Compreendendo assim, o espaço geográfico e suas relações de (re) produção espacial e social.

No entanto, nesse texto iremos explorar a filosofia Hegeliana na obra Fenomenologia do Espírito (1974) que nos traz um entendimento sobre a consciência aliado a arte e aos processos criativos que podem contribuir para a ciência geográfica e a formação de professores.

Entretanto, é necessário fazer um apontamento em relação ao método, pois no texto trabalhamos com autores de tradição marxista, e na base temos um idealista, portanto, iremos discorrer algumas linhas para demonstrar que a principal diferença entre Hegel e Marx foi à época em que viveram isso está mais bem explicado no texto de Andy Blunden “Qual é a diferença entre Hegel e Marx?” com a tradução de João Narciso (2020) que para esse texto, traz-se a título de referência, pois, não nos cabe a discussão nesse artigo, no entanto, devido ao método que atravessou do idealismo para materialismo histórico, e aqui não é algo fátuo, é importante mostrar que há uma aproximação do pensamento Hegeliano em relação a Marx, diante do método o qual se explora.

> Dadas às peculiaridades econômicas, sociais e culturais da Alemanha nos tempos de Hegel, havia alguma base para Hegel acreditar que seria através da filosofia que a Alemanha poderia se modernizar. Hoje, isso está claramente exposto como uma posição “idealista” – por acreditar que uma transformação econômica, social e cultural poderia ser alcançada através de uma revolução filosófica, e não o contrário. Contudo, isso não invalida a posição que Hegel tomou em sua época. Após a morte de Hegel em 1831, seus alunos tomaram conclusões revolucionárias implícitas na sua filosofia. O Hegelianismo dividiu a academia enquanto seus alunos popularizavam seus ensinamentos e traduziam-no para a linguagem da política – ou mais corretamente, traduziam a política para a linguagem da filosofia hegeliana. Em 1841, o governo prussiano se mexeu para “expurgar a semente de dragão do panteísmo hegeliano” (*Bunsens Berufungsschreiben an Schelling*) das mentes da juventude

[3] Traduzido de Herodote, n 9 2, abril-junho 1976, p.77-93, paris, Maspero, por Raquel M. Fontes do Amaral Pereira, professora do Departamento de Geociencias da UFSC. file:///C:/Users/emerp/Downloads/12725-Texto%20do%20Artigo-39281-1-10-20100302%20(1).pdf

> prussiana. O recém-nomeado Ministro da Cultura mobilizou Friedrich Schelling (o último representante sobrevivente do idealismo alemão e agora um conservador) para vir a Berlim e fazer esse trabalho. Sua palestra em dezembro de 1841 contou com a participação de Engels, Bakunin, Kierkegaard e notáveis intelectuais de toda a Europa, mas evidentemente não conseguiram reprimir a expansão de ideias radicais e a agitação revolucionária que adotava a filosofia hegeliana. É um fato notável que quase todos os revolucionários dos séculos XIX e XX eram leitores de Hegel; hegelianos da segunda ou terceira geração filosófica que foram influenciados por outras figuras da filosofia alemã da época – Kant, Fichte e Schelling, mas acima de tudo Hegel – seja na forma de marxismo ou de outra corrente filosófica crítica. Portanto, Hegel não estava totalmente enganado em sua crença no poder da filosofia na política. (ANDY BLUDEN, Trad. de NARCISO, 2020, p. 2)

A filosofia Hegeliana pautado no pensamento e bases conceituais do idealismo, mas com expansão e ponto de fugas conceituais, a dialética permite esse movimento, com isso, abriu caminho para Marx desenvolver sua filosofia crítica. Para Hegel e para Marx, quando se trata do conceito como forma (normativa) ambos o tem como prática social. A diferença é que para Hegel um conceito teórico poderia desdobrar-se de um ideal conceitual para aquilo que esta implícita nele; já para Marx, o desenvolvimento lógico do conceito tinha que seguir o desenvolvimento da prática social (luta de classes) em todas as suas etapas, para consolidar a compreensão do que era dado na prática social.

Lênin em seus “Cadernos Filosóficos – Hegel” na sua introdução escrita por Henri Lefevre e Norbert Guterman sobre a leitura da Ciência da Lógica que Lênin fez em Berna, em 1914, em sua Estância, Lefebvre e Guterman escrevem que

> Por meio de Hegel, todas as aspirações filosóficas à unidade e à verdade, ao universal e ao concreto, são retomadas e expressas por Lênin com o dom de apreender na abstração o que ela possui de concreto e de efetivo, dom que foi uma das dimensões de seu gênio (LENIN, 2020, p 13).

A verdade só pode ser a superação das fases anteriores, aprender com as abstrações para revelar o concreto, mas, esse aprofundar-se no momento histórico, no movimento profundo das contradições postas na realidade de cada época.

Há uma questão que sempre aparece de forma conclusa e superior de especulação, como se fosse algo para a metafísica, dito em apenas uma palavra “a inversão”; Marx inverte o pensamento de Hegel, o põe de cabeça para baixo, mas sem explicação, essa afirmação fica inútil.

Segundo o princípio Aristotélico, a ordem do ser é inversa à ordem do conhecer - o que é o último no conhecer, (a ideia, a consciência dialética) é o primeiro ser (LENIN, 2020, p. 25).

> É aqui que começam as dificuldades para o filósofo que quer “inverter” Hegel “e colocar sobre seus pés o método hegeliano”. É preciso “inverter” Hegel porque ele mesmo inverte as coisas e as põe de cabeça para baixo: a ideia antes do real e a consciência antes da ideia. Mas Hegel realiza essa operação para passar legitimamente da consciência à ontologia:

> para explicar toda a história da consciência mediante uma forma aperfeiçoada dessa consciência – de modo que pode parecer impossível remeter a consciência dialética a uma dialética objetiva sem tomar uma posição. (LENIN, 2020, p 25).

No caderno filosófico de Lenin, ele sublinha aquilo que Hegel não se cansa de repetir que tudo o que existe é contraditório e a operação dialética é objetiva, e que a lógica tradicional que só confere existência ao não contraditório é insuficiente, portanto, a unidade dos contrários não é apenas o dilaceramento do ideal, não é uma questão só de termo, ela é conflito, explosão, até a sua destruição, a dialética passa por fases e graus.

É essa dialética, é esse movimento da consciência e da experiência da consciência, trazendo um pensamento aberto, na busca da totalidade, em seu conjunto, para chegar à totalidade, ao absoluto, que nos ajuda a pensar uma geografia crítica para a formação de professores e transformação da sala de aula.

Hegel foi e continua a ser um grande filósofo, profundo e genial. Provavelmente, o maior filósofo do século XIX; ele foi o último dos grandes construtores de sistema. O seu livro principal, que nos remete a essa escrita publicado em 1807, intitulado Fenomenologia do Espírito (Phenomenologie des Geistes) é um dos grandes clássicos da filosofia, cuja importância não deve ser subestimada nos tempos atuais.

Trata-se de uma dessas obras capazes de ampliar, não só a nossa visão das coisas, mas, também, da vida e do cotidiano, concorde-se ou não com ela. A importância da leitura de Hegel é que ele nos ensina a pensar, ele nos ensina como a mente pensa, qual o caminho para compreender os conceitos em relação ao sujeito e ao objeto, entenda aqui sujeito e objeto na relação dialética, pois aquilo, que esta posta no mundo se deu pela consciência histórica, diante de seu confronto epistemológico para o ato de conhecer, enquanto quadros que se formam na consciência, tal qual consciência a ser compreendida para se chegar ao entendimento.

Uma obra que torna a leitura pesada, penosa e prazerosa quando a conhecemos.

Difícil pelo contexto cultural no que ela foi inspirada e que o entendimento por não vivenciar a época a qual foi escrita, pode dificultar a sua compreensão.

Em Hegel tem-se a discussão sobre o conhecer, daquilo que é o conhecimento efetivo do que é, em verdade, para se chegar ao absoluto, “e que entre o conhecer e o absoluto passa uma nítida linha divisória. Pois, o conhecer é o instrumento para apoderar-se da essência absoluta” (HEGEL, 2014, p. 83).

Em sua obra, Fenomenologia do Espírito (1974) a certeza sensível ou: o Isto ou o 'visar' que nos remete ao saber imediato, aquilo que nos apresenta na sua mediatez, ou receptiva, leva-nos a nos afastar do conhecimento efetivo. Hegel nos diz que "O conteúdo concreto da certeza sensível faz aparecer imediatamente essa certeza como o mais rico conhecimento (...). Além disso, a certeza sensível aparece como a mais verdadeira, pois o objeto nada ainda deixou de lado, mas, o tem em toda a sua plenitude, diante de si" Hegel (2014, p. 83).

Logo, a certeza sensível opera em outro movimento da consciência, o verdadeiro aquilo que chega como certeza é para a consciência algo outro que ela mesma tem como verdade. "O objeto se mostra antes, não ser, em verdade, como era imediatamente em si: o ente da certeza sensível, a coisa concreta da percepção, a força do entendimento, pois esse Em-si se revela uma maneira como o objeto efetivo" Hegel (2014, p. 135). Ou seja, aquela primeira representação da experiência se efetiva como verdade para a certeza sensível, mas Hegel mostra que não é assim.

A consciência se auto revela pela contradição na negação, no movimento da consciência-de-si que só consegue a sua satisfação em outra consciência-de-si.

> Nesses três momentos se completa o conceito da consciência-de-si:
> O puro Eu indiferenciado é seu primeiro objeto imediato.
> Mas, essa imediatez mesma é absoluta mediação: é somente como o suprassumir do objeto independente; ou seja; ela é desejo. A satisfação do desejo é a reflexão da consciência-de-si sobre si mesma, ou a certeza que veio-a-ser verdade.
> Mas, a verdade dessa certeza é antes a reflexão redobrada, duplicação da consciência, objeto que põe em si mesmo seu ser outro, ou a diferença de –nada, e nisso é independente. (HEGEL, 2014, p. 141).

(SILVA, 2013) aborda em seu livro, Hegel & e a Educação, o seguinte:

> O espírito é a vida vivida pela humanidade. Hegel usando o universo conceitual da tradição filosófica define-o como "essência absoluta real que a si mesma se sustém" (Hegel, 1992[b], p. 326). Sendo a essência e substância, significa que é o substrato de si em si mesmo e nessa tautologia, ele é o absoluto. Todavia, a substância absoluta é em duas dimensões: subjetiva e objetiva, e dessa forma, o espírito é o absoluto que é também o espírito subjetivo e espírito objetivo. Segundo Hegel (1995[c], p.29, 1970[c],p32) o espírito em seu desenvolvimento (Entwicklung). (SILVA, 2013, p.14)

Para Hegel, o espírito, ou seja, "a razão é espírito quando a certeza de ser toda a realidade se eleva a verdade" Hegel (p, 298). O espírito absoluto se contempla na razão, o espírito é a substância e a essência universal, é o em-si pensado de toda a consciência.

> O desenvolvimento do espírito é o processo de sua autoformação, ou seja, é o movimentar-se em -si e para-si do espírito. O espírito, em seu plano absoluto, é a unidade espírito subjetivo/espírito objetivo. Por absoluto, o espírito é a totalidade do mundo no tempo infinito. Todavia, é constituído de momentos finitos, isso é, sua dimensão subjetiva e sua dimensão objetiva transformam-se – aparecem e fenecem – ao longo do infinito movimento do espírito absoluto e desenvolver-se a si mesmo. (SILVA, 2013, p 14).

Retoma-se aqui, a importância da experiência da consciência: como a mente apreende o que se pode aprender e como se forma o conhecimento? Esse Ser que é pensante se movimenta do real para o racional, em um movimento dialético o qual mesmo sem saber o sujeito apreende o real, na certeza sensível para a razão e só depois, mais a frente, para alcançar o nível do entendimento, depois de um longo caminho de análise, passando pela forma, pela qualidade, pela quantidade, aquilo que flui para alcançar sempre um nível acima em um movimento dialético.

Uma tese fundamental em Hegel é a de que o universo ou a totalidade seguem um processo dialético de desenvolvimento. Para fundar o processo dialético, Hegel entende que os conceitos são fluidos, contendo suas negações: quando pensamos o conceito de finito, por exemplo, somos levados ao conceito de infinito.

A tentativa de exemplificar às vezes não é a melhor alternativa para levar o leitor ao entendimento, porém, o caminho do senso-comum, a forma mais simples de consciência é chamada por Hegel de certeza sensível. Ela se caracteriza pelo atentar daquilo que está diante de nós, no momento. Ela é chamada de certeza sensível porque a apreensão sensível dos objetos particulares parece ao senso comum à forma mais certa, a mais visível e a mais rica de consciência.

Aqui o que aparece a consciência é a mais certa porque parece ser o conhecimento de como as coisas são e também a mais rica devido à variedade e a multiplicidade do mundo sensível. Pois, Hegel quer mostrar que na verdade não é nada disso!

Em sua análise na fenomenologia do espírito Hegel mostra que a certeza sensível é uma forma particularmente vazia, não assertiva e incoerente de conhecimento. No entanto, Hegel nos diz que a consciência sensível faz é apenas registrar os dados sensíveis em um dado momento como informação crua, sem sequer poder classificar ou dizer de o que ela é. Exemplo: isso é uma roda, a sensação precisa se basear no mero “isso, aqui e agora”. Tente, por exemplo, apreender um objeto com recurso ao “isso aqui e agora” acompanhado talvez de um gesto de vanglória! Ora, outra pessoa poderá aplicar a palavra “isso” para se referir a qualquer outro objeto, por exemplo: isso é uma casa, isso é um carro.

Vemos que à palavra “isso” é impossível dar um significado particular, o seu significado é sempre o de um conceito universal. Quanto à palavra “agora”, Hegel nota que se à noite eu disser “Agora é noite”, e escrever isso em uma folha, e no dia seguinte pela manhã quando ler verá que se tornou findado. Ou seja: a frase torna-se falsa, pois se trata de outro “agora”. “Agora” é, pois, um universal. Diríamos hoje que o sentido resgatável do “agora” é o de “o momento no qual o falante

profere essa palavra", o que é de fato um conceito universal, e o mesmo vale para "aqui", que (diríamos hoje) tem o sentido universal de "apontar para o lugar do qual o falante profere".

Veja que Hegel não está tentando mostrar que o conhecimento do particular não existe. E sim, mostrar é que até mesmo pela apreensão sensível, nós só conhecemos o particular através do universal, ou seja: para se tornar exprimível pela linguagem, para se tornar simples, o conhecimento sensível precisa inevitavelmente valer-se de conceitos universais, que subsumem o dado de uma classe de entidades. Mas, quando isso acontece, o senso comum, o conhecimento sensível, deixa de ser conhecimento sensível para se tornar conhecimento perceptual, posto que: percepção = sensação + conceito.

Assim, parece que a certeza sensível isolada é na verdade uma abstração, pois quando tentamos exprimir o particular que ela deve ter como objeto, o que temos é conhecimento perceptual.

O que acontece ao nível da percepção? Observamos que aqui a consciência classifica conceitualmente os objetos de acordo com propriedades universais. Mas, o conhecimento perceptual também é falho, pois não explica adequadamente a conexão entre o universal e o individual, pois Hegel demonstra que há outros elementos que se insere no conceito.

Observamos como exemplo: um cubo de sal (objeto) é branco e também cúbico e, além, disso, salino, mas, o objeto individual, se perguntarmos o que é? Então, temos aqui que nem os predicados "brancos" etc., e nem o "também", que são universais, nem um substrato são inexprimível. Com isso, Hegel pretende ter demonstrado insuficiente também o conhecimento perceptual (HEGEL, 1974).

Demonstrado insuficiente o conhecimento perceptual, ele precisa ser superado pelo conhecimento científico, que invoca entidades não fenomenais, as forças, seguidas de construções abstratas, as leis naturais, para explicar os fenômenos que o universal o carrega.

Portanto, temos a imagem que se manifesta do mundo provido pelo senso comum, da certeza sensível, mostra-se insuficiente, e só pode ser substituída pela imagem científica.

Então passamos do nível da percepção para o nível do entendimento, que para Hegel (como para Kant) impõe suas leis à realidade. Não obstante, também o apelo às forças e leis naturais é insuficiente, pois elas são um meio útil de ordenar e descrever os fenômenos, mas que segundo Hegel é mais descritiva do que explicativas.

Sendo tais limitações postas, a mente percebe que todo o reino do abstrato o qual ela evocou para explicar os fenômenos sensíveis é produto de seu próprio entendimento. E como consequência, ela começa a tomar-se a si mesmo como objeto, a voltar-se sobre si mesma em busca de compreensão,

começando a entender o mundo como a sua própria criação, chegada a esse ponto a mente alcança já uma forma latente de autoconsciência, pois já é capaz de refletir sobre si mesma, com isso termina a primeira grande fase do desenvolvimento da consciência.

Mas o desenvolvimento da consciência não se encerra aqui, ainda temos a fase da autoconsciência, que precisa ser reconhecida por outras consciências, porque ela não pode existir em isolamento.

Esse reconhecimento precisa ser recíproco: ela só reconhece a si mesma se ela se reconhecer a si mesma em outras consciências é como se para nos vermos a nós mesmo, precisássemos de um espelho, no caso, de outra autoconsciência. Um sujeito precisa interagir com outras consciências para encontrar a si mesmo.

Um exemplo clássico a esse pensamento de Hegel pode ser algo esclarecida pelo caso do menino Lobo; que desde o início de sua infância vivia na floresta, andando agachado e comendo insetos. Ele podia perceber o mundo, mas certamente não era capaz de autoconsciência. Ou seja: o que a constituição da autoconsciência demanda é a formação de uma "consciência-nós", ou seja, de uma consciência social, de sujeitos capazes de reconhecer à identidade, aquilo que nos une nas suas diferenças. Entretanto, o alargamento da autoconsciência coletiva não se faz de modo imediato, ele é um longo processo que passa por diferentes estágios.

E na terceira parte da fenomenologia do espírito o sujeito finito se eleva a autoconsciência universal, essa autoconsciência universal, só pode ser obtida se a mente trabalhar no mundo, se ela transformar o mundo e a sociedade de modo que as condições para isso possam ser dadas.

Ou seja, só pela Transformação do mundo operada pelo espírito (Consciência) será possível reunir as condições para que a mente se torne plenamente autoconsciente, adquirindo conhecimento adequado, aqui é o importante trabalho do professor, do formador, trabalhando no mundo, operando mudanças para a transformação da sala de aula e da sociedade.

Para além, disso, só pela transformação do mundo operada pelo trabalho do espírito se tornará possível que a sua liberdade subjetiva do pensamento se realize como liberdade objetiva.

Diante do exposto, tratamos a partir de outro exemplo; pensemos em uma garrafa de água, observemos que o meu e a sua garrafa não é a mesma, mas temos certeza de que é uma garrafa, podemos percorrer em uma garrafa de vidro e outra de plástico, outro ainda de alumínio, a uma infinidade de formatos, porém o universal exprime "garrafa de água" e o seu particular exprime aquilo, isso, que está diante de nós, essa é a certeza sensível.

No entanto, a "garrafa de água" tem vários formatos, forma, peso, cor, material, etc. O que nos leva a percepção devido à sensação e o conceito, entretanto, o vir-a-ser, por sua vez, precisa ter

uma qualidade, produzindo assim, uma nova categoria antitética, que por sua vez precisa ter uma quantidade, o que gera como síntese a categoria de medida. Cada uma dessas categorias deve conter todas as demais até chegarmos após um longo e penosamente obscuro processo de pensamento, que passa pela lógica a essência, a noção final de ideia absoluta, que é a do pensamento que se pensa a si mesmo: o autopensar do pensamento.

Em complemento a realidade designada por um conceito (tese), seja ela natural ou mental, engendra em si mesma a sua negação (antítese). Dessa negação e oposição, por força da contradição aí encerrada, inadequações se evidenciam, forçando a sua ultrapassagem por outra entidade mais complexa (expressa na síntese) que as supera e contém, e assim, por diante, apenas a título de exemplo a tese, antítese e síntese, porém, a síntese engendra uma nova tese, sempre superando, em um movimento de elipse. É preciso deixar claro que Hegel não fala em (tese, antítese e síntese) ele usa Aufhebung, esse termo quer dizer “negar, preservar e elevar” são as etapas em que a consciência avança em seu processo de conhecimento, negando o aprendizado anterior, mas ela preserva elementos para avançar e se elevar a um nível mais alto.

Esse processo fica mais plausível quando consideramos o desenvolvimento da mente ou consciência coletiva, o universal, revelada na história da civilização e cultura humanas.

A ideia extremamente original que Hegel aborda e norteia na Fenomenologia do Espírito foi de mostrar os sucessivos estágios do desenvolvimento do espírito ou mente ou consciência humana coletiva, refletido no desenvolvimento das consciências individuais e, especialmente, na história, em outras palavras, como a mente pensa o que se pensa, a cada passo a consciência passa por uma experiência e essa experiência é somatória, associando com outros sujeitos e objetos já experienciado pela mente.

Isso desde estágio mais inferior, da consciência ingênua não científica aquela do senso-comum, da certeza sensível, até a sua culminação no que Hegel chama de conhecimento absoluto, que é a forma de conhecimento que conhece a realidade pelo que ela realmente é, e, nesse ponto a ciência e o método, a metodologia entram em cena.

Para os formadores de professores, professores formadores de mentes na escola e na universidade ou em outros espaços de conhecimento, conhecer como se conhece o processo de conhecimento é fundamental, e não apenas conhecer, mas, atirar a analisar em uma constante os sujeitos e objetos postos na realidade, postos na sociedade, nas relações sociais, se realizando na história, partindo da contradição, é a contradição que força a mente ultrapassar as fases anteriores.

Para Hegel, o processo dialético é o motor da história, produzindo oposições que só se resolvem na forma de sínteses cada vez mais complexas, esses movimentos se expressa de outras formas de manifestação da consciência como na arte e nos processos de desenvolvimento da ciência que tem a criação e a criatividade como atividade humana. É o que veremos nos próximos parágrafos.

E o que acontece quando remo quebra?

Outro autor para dialogar nesse texto, não menos importante é Henri Poincaré, (1995) que apresentou em diversas obras como “The Foundations of Science: Science and Hypothesis, the Value of Science, Science and Method” (Os Fundamentos da Ciência: Ciência e Hipótese, o Valor da Ciência, Ciência e Método), de 1904 os quatro passos da criação, essas obras são apresentadas no livro Daniel Goleman, Paul Kaufman e Michael Ray, “O Espírito Criativo”, de 1992.

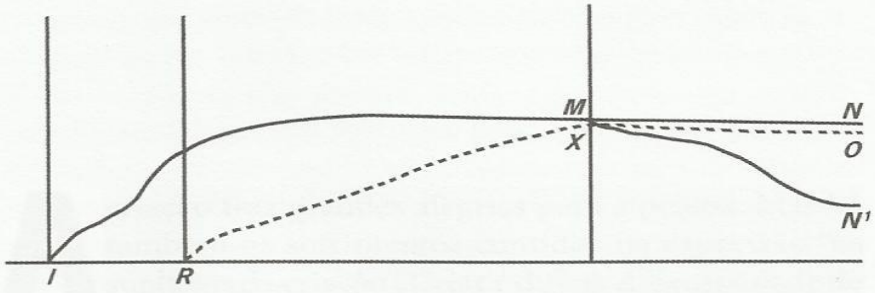
Criar é dar forma a algo, onde há um homem pensando, imaginando, projetando, criando, a criatividade se apresenta, mesmo que não seja para grandes obras, seja de arte, literatura, estética, poesia entre outros tantos, processos de criação como forma de linguagem.

A elaboração de algo novo tem relação com a criação, ou seja, uma linguagem em que o homem desdobra o seu ser social em formas culturais. A apreensão da razão não se limita para a criação, a intuição, o cotidiano e as experiências anteriores da mente, do ato de pensar sobre, são facilitadores da criação, do elemento criativo.

Em rota de colisão e em conjunto temos outro autor que é Théodule-Armand. Ribot (1908) psicólogo francês que nos mostra em forma de gráfico a expansão dos processos criativos que também estão alinhados com os processos de conhecimento, do saber enquanto formação, passando da certeza sensível para o entendimento.

Quadro do desenvolvimento da imaginação criativa.

A curva do desenvolvimento da imaginação, conforme apresentada por Théodule Armand Ribot no livro *Essai sur l'imagination créatrice* (Paris: Félix Alcan, 1908. p. 140).



Com essa ilustração, Ribot apresentou simbolicamente, o quadro da imaginação criadora, o que ele traça é a imaginação infantil em relação ao homem adulto, o que nos permite compreender a característica dessa transição da imaginação. Essa lei de desenvolvimento chamado assim por Ribot (1908) e comentado por Vygotsky (2010) é formulada da seguinte maneira:

> Em seu desenvolvimento, a imaginação passa por dois períodos, dividida pela fase crítica. A linha IM representa a marcha do desenvolvimento da imaginação no primeiro período. Ela ascende bruscamente e, depois, mantém-se por um longo período no nível que atingiu. A linha RO, tracejada, representa a marcha do desenvolvimento do intelecto, ou razão. Como se vê pelo desenho, esse desenvolvimento da razão – coincidem. (VYGOTSKY, 2010, p. 45-46).

Nesse momento da infância e da adolescência que os alunos mediados por seus Professores, colegas e pelo meio, podem descobrir seus caminhos. Porém, o que temos muitas vezes, são atividades repetitivas, classes homogeneizadas, respostas repetitivas e copiadas e restrição ao novo, às inovações a pensamentos criativos. (RIBEIRO, 2014).

A criação abre novas possibilidades para as pessoas. Mas há também, os sofrimentos, as dificuldades do ato de criar, contidos na expressão "os suplícios da criação". Criar é difícil. A necessidade de criar nem sempre coincide com as possibilidades de criação e disso surge um sentimento de sofrimento penoso de que a ideia não foi para a palavra, como diz Dostoievski[4] (VYGOTSKY, 2010, p. 55).

Exercitar a criatividade, não se restringe a um ato isolado, principalmente na sala de aula, não é deixar os alunos soltos, à vontade, sem indicar um caminho, é preciso orientação, mediação,

[4] Dostoievski, Fiodor Mikhailovitch. Escritor, poeta e pensador (1821-1881)

direcionamento, conteúdo, objetivo, pesquisa e regozijo, mas também, sofrimento e insistência no processo que envolve aquilo a ser criada, a criação se realizam envolta do processo dialético, de resolução de problemas, sem contradição não há criação.

Para o professor formador e em formação, apostando em um plano de aula criativo, a conduzir os seus alunos a trilhar os conceitos e a operacionalização deles diante da contradição para o avanço da consciência requer do mesmo, tempo, diversidade, leitura não só da área de atuação, mas investimento da experiência da consciência durante a sua vivência, essas experiência anteriores, ajudam o professor a materializar novas criações didáticas e de metodologias diante do processo de ensino e aprendizagem.

Há muitos estudiosos nesse campo como nos abaliza Nunes e Silveira (2009) o psicólogo Ribot, em 1900, propôs um estudo para o processo de criação. O pedagogo John Dewey em 1910 pesquisou esse tema, mas foi o matemático inglês do século XIX, Henry Poincaré, quem estabeleceu os quatro passos básicos para a solução criativa de problemas que, até os dias atuais, têm sido citados pelos autores do tema (GOLEMAN, KAUFMAN e RAY, 1992). Esses passos não são lineares, mas sim, dinâmicos, interativos e singulares em cada indivíduo e sem tempo indefinido. São eles:

> 1ª etapa- **Preparação:** está relacionada à imersão consciente, inicial, que a pessoa faz para encontrar a solução do problema com o qual se depara. É o momento de ser receptivo e saber ouvir. Por isto, gera certa tensão, expectativa frente ao que está por vir. É a etapa da mobilização interna para expandir limites e ir além do que já se sabe sobre o tema. Por isto, muitas vezes esse período traz angústia, vazio e até bloqueio.
>
> 2ª etapa- **Incubação:** é o momento de amadurecer, de gestar as ideias concebidas na etapa anterior. É hora de esperar, distanciando-se um pouco da obra, do projeto a ser criado ou do problema a ser solucionado.
>
> 3ª etapa-**Iluminação (Insight):** é o momento em que a resposta para o problema ou para a obra desejada surge repentinamente. É quando encontramos uma solução ou um caminho. Contudo, ainda estamos no campo do pensamento, e não do ato criativo propriamente dito.
>
> 4ª etapa-**Aplicação/Verificação:** é o momento de dar forma à ideia, transformá-la em uma ação. É uma etapa que exige grande elaboração, afinal, criaremos algo para nós e para os outros.

O ato criativo não tem um tempo definido. Dependendo da proposta, da obra ou do problema, pode levar horas ou anos para a realização do ato criativo. (RIBEIRO, 2014, p. 154).

E para um mundo que se apresenta em constante mudança, complexo e plural, a compreender, como o cotidiano pode nos levar a uma leitura do possível, aquela da sala de aula e sua transformação, para o professor em formação o suplício da criação se esbarra no cotidiano, e sua

difícil tarefa que é neste mundo de lidar com o novo, em que a Geografia, enquanto disciplina, faz as suas leituras do espaço e da sociedade nas relações de produção que estão em constante mudança, os cursos e as disciplinas na universidade precisão oferecer condições para o imprevisto.

> O professor deve ser formado para lidar com o novo e o inesperado. É importante permitir que o aluno discuta, avalie, reflitam sobre conceitos, atividades, expressando suas opiniões sobre a realidade na qual está inserido (HAETINGER, 1998). É preciso oferecer condições para que o aluno se relacione, crie, invente e sinta prazer em aprender. Afinal, como vimos nas definições anteriores, criar é um ato intencional, voluntário e carregado de desejo, mas, para ser mobilizado, demanda oportunidades e incentivos (NUNES e SILVEIRA, 2009, p.144).

Nesse processo de desenvolver a criatividade, deve o professor orientar os alunos a encontrar em seus pensamentos os caminhos para o novo, uma das formas para que ocorra essa inovação, é possibilitar as condições para que os alunos criem. Só serão possíveis com uma didática que favoreça o processo de criação, ajudando a definir estratégias, em um clima aberto e franco, reconhecendo a capacidade de cada um, orientando os resultados, visando estratégias criativas, esse processo contribui para o ensino aprendizagem, tanto por parte dos alunos como do professor.

> A mediação do método criativo se caracteriza pela implicação e pela auto-aprendizagem quando a contemplamos pelo lado emocional ou pelas atitudes. Conseguir que o aluno se envolva que se comprometa com sua aprendizagem, deveria ser o objetivo principal de qualquer professor com inquietudes criativas. Quando o aluno se envolve, isto é, vai além da aprendizagem exigida para ser aprovado, estamos pelo menos garantindo a consecução dos objetivos básicos. (LA TORRE, 2005, p. 176).

Porém, essa tarefa de fazer com que o aluno se envolva, com o processo de ensino aprendizagem, inexoravelmente passa pela arte de fazer com que o aluno desperte o interesse para conhecê-lo, e esse conhecer passa pela arte do professor saber conduzir esse aluno para o caminho da aprendizagem, e isso só ocorre pelo envolvimento da mediação por meio dos conceitos a serem apreendidos, do conteúdo estabelecido, envolvendo a pesquisa, para a solução de problemas.

Para a solução de problemas, o ato de perguntar, o esforço para o questionamento como possibilidade de desenvolvimento criativo, para muitos autores, é o caminho principal onde a criatividade se manifesta. Essa manifestação criativa da mente, da consciência se realiza da certeza sensível para o absoluto, é quando as partes se unem criando ou solucionando problemas.

E o que acontece quando o remo quebra? Uma analogia para se pensar pode nos levar de uma contribuição de enorme interesse para a indagação criativa, sistematizar uma analogia é uma ferramenta para abordar, as imagens, os problemas, as condições postas pelo professor, levando o aluno a encontrar possibilidades de resolução de problemas.

Outra possibilidade é trabalhar com signos e símbolos ressignificando-se para levar o educando a criar um entendimento das palavras por associação, à associação é um atributo poderoso para o conhecimento.

> as palavras representam unidades de significação. Sua função é variada, porquanto são variados os relacionamentos em que as palavras formulam o conhecimento que temos do mundo. Entre outros, podem funcionar como signos e símbolos. Nos relacionamentos semânticos, o signo se coloca anterior ao símbolo, cujo desdobramento associativo permanece em aberto (OSTROWER, 2010, p. 21).

Há ainda, outras teorias explicativas para a criatividade, como a biassociação, humanistas, psicoanalítica, gestalt, etc. que podem ser ferramentas para o processo de ensino e aprendizagem, visando um elo de criação e superação de fase anterior para posterior.

Todo processo de criação parte primeiro da imaginação: ponto inicial subsidiado pela intuição, associação de objetos e sujeitos que compõe o espaço material ou imaterial, virtual, uma ideia que surge partindo dos elementos do cotidiano (RIBEIRO, 2014, p. 188)

Observa-se que a experiência da consciência se relaciona com o processo de criação, a criatividade necessita da experiência para imaginação, imaginar para alcançar outros patamares de consciência em relação à solução de um problema. A certeza sensível ao qual se depara a consciência a partir das experiências anteriores, por meio de pesquisas, analogias ou associação de conhecimentos tem potencial criativo para se chegar ao entendimento, ao absoluto, quando há a manifestação do real.

Importante compreender que o entendimento como resultado do absoluto Hegeliano, e que para o professor em constante formação, os conceitos científicos e os conceitos espontâneos Vygotsky (1991), se formam para a constituição dos saberes e como podemos conhecer o que se conhece pela consciência se opera encontrando o caminho na cognição, na emoção, e na sensibilidade e isso não acontece de forma linear, ela às vezes é contraditória para o insight criativo.

Para estimular as fases do processo criativo, “preparação, incubação, iluminação e verificação” o professor tem que mediar a problematização e principalmente a pesquisa, ambientar para poder estimular a criação finalizando com a orientação, pode-se chamar essa etapa de didática criativa, ou o sobressalto do processo de criação, conduzindo e superando no processo de contradição as experiências anteriores da consciência.

Do movimento da experiência da consciência, que se desenvolve diante de um processo de conhecimento que se retroalimenta na sua própria criação de conceitos que vão se aprimorando, refinando, ganhando cada vez mais um salto, para o conhecimento, essa experiência se alinha diante dos conceitos espontâneos e científicos, é o que veremos na parte final de nosso raciocínio,

quando a mente expõe, imagina e a partir desse planejar se reverbera em palavra em signos, está que se forma ela diz algo.

Da canoa a vara e o anzol

Em Vygotsky (1991) e (2009) encontrou-se o aporte necessário para a formação dos conceitos espontâneos e científicos, assim como a importância da criatividade na constituição do conhecimento, objetivando a partir da atividade criadora do homem, da infância para com o mundo adulto, passando pela arte, literatura, e trabalho pedagógico para a experiência estética, na formação do professor.

A hipótese aqui, já lançada para o professor em formação, no movimento de apreender o conhecimento a partir do pensamento Hegeliano, em que a certeza sensível deva ser superada, passando pela percepção-sensação para chegar ao entendimento, ao conhecimento absoluto, a razão, encontrando aporte nos processos criativos, diante do ato de pensar, a linguagem, o conceito e a escrita, para o avanço da consciência em si a consciência para si, para que a experiência da consciência se realize do singular-particular-universal, para se chegar ao absoluto, o saber pedagógico diante do processo pedagógico, faz-se necessário essa compreensão para o desenvolvimento da consciência.

No entanto, essa consciência, não se desenvolve sem o trabalho da história, que abarca o desenvolvimento da ciência por meio das pesquisas, que se apresentam também na sala de aula, para a transformação do conhecimento dos alunos, professores e aqueles envolvidos diante do processo de ensino e aprendizagem, que elege a formação de conceitos.

Para o avançar da consciência, os alunos já na tenra idade é que começam a formação de conceitos, para formação da palavra, ou signos que se estabelecem da infância a puberdade.

> A investigação experimental do processo de formação de conceitos mostrou que o emprego funcional da palavra ou de outro signo como meio de orientação ativa da compreensão, do desmembramento e da discriminação de traços, de sua abstração e síntese é parte fundamental e indispensável de todo o processo. A formação de conceito ou a aquisição de sentido através da palavra é o resultado de uma atividade intensa e complexa (operação com palavra ou signo), da qual todas as funções intelectuais básicas participam em uma combinação original. (VYGOTSKY, 2009, p.168).

A formação de conceitos passa pela associação, pelo juízo e a representação que colaboram mutuamente, no entanto, nenhum desses é determinante para explicar uma nova forma de pensamento, que traga a qualidade e a originalidade das operações mais elementares do intelecto.

> O processo de formação de conceitos é irredutível às associações, ao pensamento, à representação, ao juízo, às tendências determinantes, embora todas essas funções sejam participantes obrigatórias da síntese complexa que, em realidade, é o processo de formação de conceitos. Como mostra a investigação, a questão central desse processo é o emprego funcional do signo ou da palavra como meio através do qual o adolescente subordina ao seu poder as suas próprias operações psicológicas, através do qual ele domina o fluxo dos próprios processos psicológicos e lhes orienta a atividade no sentido de resolver os problemas que tem pela frente. (VYGOTSKY, 2009, p. 169).

O conceito o seu desenvolvimento, não se sustentam sem palavras e sem o emprego funcional do signo, o amadurecimento dessas funções do intelecto, ficam a cargo do movimento da consciência, essa, por conseguinte necessita das experiências para se desenvolver. O meio e as interações, sociais, profissionais e culturais inserem sobre a formação dos conceitos que colaboram para o momento do desenvolvimento da formação do pensamento expressando em palavras em linguagem.

> A consciência não evapora nem se dilui no espírito puro. A despeito de tudo, a linguagem interior é uma linguagem, isto é, um pensamento vinculado à palavra, mas se o pensamento se materializa em palavra na linguagem exterior, a palavra morre na linguagem interior, gerando o pensamento. (VYGOTSKY, 2009, p. 474).

Vygotsky (2009) atribui o pensamento comparando-o a uma nuvem de palavras, como chuva que se cai, descarregando uma chuva de palavras, sendo esse processo uma transição do pensamento para a linguagem, o que ele afirma ser complexo esse movimento de decomposição do pensamento e, por conseguinte sua recriação em palavras, Vygotsky (2009, p. 502).

> Percebemos que a relação entre pensamento e palavra é um processo vivo de nascimento do pensamento na palavra. Palavra desprovida de pensamento é, antes de mais nada, palavra morta. Como diz o poeta: Como abelhas em uma colmeia vazia, as palavras mortas cheiram mal. Mas o pensamento que não se materializa na palavra continua como uma sombra do Estige, “uma neblina, um tinido, um hiato”, como diz outro poeta. Hegel via a palavra como um ser revivificado pelo pensamento. Esse ser e absolutamente indispensável aos nossos pensamentos.
>
> Mas, o vínculo entre o pensamento e a palavra não é um vínculo primário, dado de uma vez por todas. Surge no desenvolvimento e ele mesmo se desenvolve. (VYGOTSKY, 2009, p. 484).

Portanto, o desenvolvimento do pensamento em palavras, em ação, ou a ação antes do verbo, porque antes temos a ação antes da linguagem, que se tornam palavras.

Esse movimento do pensar segue um caminho, desde os processos históricos que tem o homem como um processo vivo em seu desenvolvimento, acolhido pela criatividade, para a formação dos conceitos, esses que são palavras, que regem a experiência na consciência em um tempo histórico, passando pelos processos associativos, de juízos, de representação, que já foi apontado como não determinantes, mas aliados à experiência do meio, assim, como também, as pesquisas em cada

tempo histórico, movimentando o conceito que se realiza no pensamento e no mundo, pelo universal.

Sem a árvore não haveria canoa

Os resultados e as discussões sinalizam uma tentativa de contribuir para a formação de professores, mostrando-os como o pensamento se forma na mente, e eleva em palavras e conceitos, e como os processos criativos são proeminentes na participação desse desenvolvimento dos conceitos, pela pesquisa, tendo as experiências anteriores, o meio como condutores, para que se possa auxiliar na formação pedagógica dos professores de Geografia, abarcando outros saberes.

Apontamos também, nesse texto os processos criativos, dado da própria história, inserindo a importância da criatividade como elemento de desenvolvimento da linguagem, do pensamento, do ato de brincar, das formas, aplicando um plano de aula criativo, induzindo e favorecendo o ensino e a aprendizagem da criança para se fizer no desenvolver da cultura e da educação, para a transformação da sala de aula.

A importância dessa discussão aqui posta mostra uma lacuna de um campo (o ato de pensar) o qual na formação de professores de Geografia e do Geógrafo não é tratado durante a sua formação (a formação do pensamento) e como esse saber a ser construído pode contribuir (com a experiência do conhecimento) a ser construída, ou seja, como os sujeitos observam os objetos no mundo, mundo criado diante do processo de contradição, (em palavras, e conceitos) e a mediação deles a partir de um movimento dialético, se forma na mente (Geist) para se chegar ao entendimento, a consciência, o saber.

Sem a árvore não haveria canoa, será? Para não concluir, que canoa poderia estar falando, que signo e símbolo são esses? Qual o seu formato? Que materiais necessários para confeccionar? Qual tipo de madeira? Ou poderia ser uma bananeira a maior planta herbácea não sendo classificada como uma árvore, o caminho para as indagações não se encerra, a história da humanidade continua no ideal, na ideia, na atividade laboral Hegel (1974).

Esse artigo baseado na Fenomenologia do Espírito de Hegel (1974) da certeza sensível para a consciência, o absoluto, nos remete a essas inquirições, pela pesquisa, pela criatividade, pela experiência da consciência universal auxiliando na formação de professores de Geografia, diante dos processos contraditórios, no caminho da dialética da razão que se move em uma espiral, formando conceitos sólidos para o ensino de Geografia e a transformação da sala de aula.

REFERÊNCIAS

BITTENCOURT. Rodrigo. P. AS VISÕES DE HEGEL E MARX ACERCA DA HISTÓRIA. **Pol. Hist. Soc**., Vitória da Conquista, v. 21, n. 2, p. 183-196, jul-dez. 2022.

CLAVIER, Paul. **Kant. Le sidé escosmologiques**. Paris: Presses Universitaires de France. 1997.

GOLEMAN, Daniel, KAUFMAN, Paul, RAY, Michael – **Espírito Criativo**. São Paulo: Cultrix – Amana Key, 1992.

HEGEL, G. W. F. **Fenomenologia do Espírito**. 9ª ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2014.

_____. **Hegel**. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

_____. **Ciencia de la lógica**. 2 vols. Buenos Aires; Solar, 1993 [Trad. de Augusta y Rodolfo Mondolfo].

_____. **Fenomenologia do Espírito**. 6.ed. Petrópolis: Vozes, 1992. pt.1.

LUKÁCS, György. **Sociologia/org**. José de Paulo Netto e Carlos Nelson Coutinho – São Paulo. Ática, 1981.

POINCARÉ, Henri. **O valor da ciência**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1995.

RIBAS, Alexandre. D. E VITTE, Antonio. C. O CURSO DE GEOGRAFIA FÍSICA DE IMMANUEL KANT (1724- 1804): UMA CONTRIBUIÇÃO PARA A HISTÓRIA E A EPISTEMOLOGIA DA CIÊNCIA GEOGRÁFICA v. 10 n. 19 (2008): **Geographia.**

NUNES, Ana I. B. L. e SILVEIRA, Rosemary do N. **Psicologia da aprendizagem: teorias e contextos.** Brasília: Liber Livro, 2009.

REDYSON, Deyve. **10 Lições sobre Hegel** (3 EDIÇÃO). 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2014. V. 1. 88 p.

RIBEIRO. Emerson. **Processos criativos em Geografia: metodologia e avaliação para a sala de aula em instalações geográficas**. 2014. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

RIBEIRO. Emerson. A GEOGRAFIA E A ARTE NO PROCESSO DE AUTOCONSCIÊNCIA DA HUMANIDADE: PRINCÍPIOS METODOLÓGICOS PARA A CONSTRUÇÃO DAS INSTALAÇÕES GEOGRÁFICAS. R**. Ra'e Ga**. Curitiba, v.46, p. 165 -184, Abr/2019.

RIBOT, Th. **Lèssai sur lÌmagination Créatrice** - Alcan, 1 vol. 8 – 1908.

SILVA, A. G. F. **HEGEL & a EDUCAÇÃO**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013. 112 p .

VITTE, Antonio C. A geografia física: da conformidade-a-fins à paisagem. **Caderno Prudentino de Geografia**, n. 30. Presidente Prudente. 2008.

VYGOTSKY, Lev. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

VIGOTSKI, Lev. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. Tradução Paulo Bezerra. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

VYGOTSKY, Lev.S. **Imaginação e criação na infância**: ensaio psicológico: livro para professores/Lev SemionovichVigotski; apresentação e comentários Ana Luiza Smolka; tradução Zoia Prestes. – São Paulo: Ática, 2010.

Site:

BLUDEN. Andy. **Qual é a diferença entre Hegel e Marx?** Tradução: Narciso. João 26/ 05/ 2020 https://www.ethicalpolitics.org/ablunden/pdfs/Hegel-and-Marx.pdf